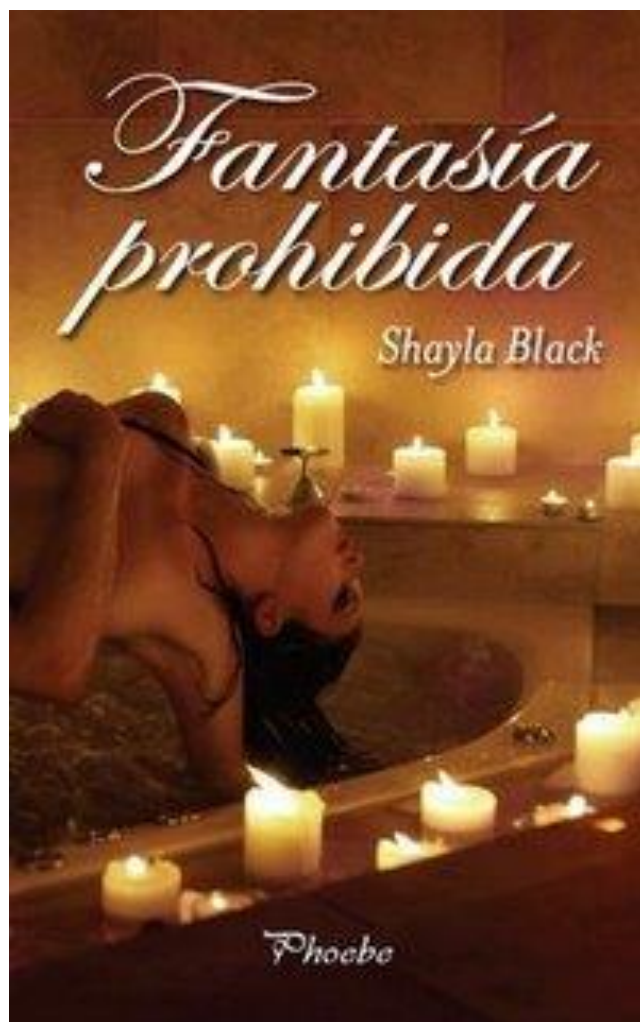


Shayla Black

Fantasia Proibida



Como pode uma garota inocente atrair um famoso e atraente cantor pop, ao qual a imprensa sensacionalista atribui práticas sexuais para as quais ela não estava preparada?

Kimber Edgington está decidida a fazer qualquer coisa para convencer ao homem de seus sonhos, o popular cantor Jess McCall, de que parecem o nasceram um para o outro. Resolvida a provar que é mulher o suficiente para ele, Kimber recorre à Deke Trenton e pede que seja seu tutor sexual. Atrevido e descarado, Deke a adverte que está brincando com fogo, o que não o impede de tomá-la sob sua tutela e que, junto com seu primo Luc, ensine-lhe os prazeres de ser compartilhada. Embora ela se reservasse para Jesse, logo descobrirá que Deke é o único homem capaz de satisfazer todas as suas fantasias. E quando Kimber lhe pede mais... ele não será capaz de resistir.

Disponibilização em Esp.: Passionate

Tradução: Gisa

Revisoras: Clara e Camila

Formatação: Clara

PROJETO REVISORAS TRADUÇÕES

Capítulo 1

Geralmente, Kimber Edgington não se importava em pedir favores. Se seu pai estivesse na cidade, não teria se incomodado em pedir que passasse pela tinturaria. Nem teria se incomodado em pedir a algum de seus irmãos para que comprasse leite para ela.

Mas hoje não pediria ajuda a sua família. O que necessitava não era algo que se considerasse normal.

Respirou fundo.

Podia fazê-lo. Não, tinha que fazê-lo se quisesse tornar realidade a fantasia que estava a sete anos rondando sua cabeça.

Saiu do carro naquela tarde úmida, e estudou a casa de tijolo vermelho. O exterior, com uma grande diversidade de azaléias de cores vistosas e grama recém cortada, parecia bem cuidado. Era um edifício elegante com aquela fachada de pedra, o imaculado balcão branco e as colunas de estilo dórico. Não se ouvia um só ruído que perturbasse os verdes campos do leste de Texas; o lugar parecia muito tranquilo.

Ninguém poderia adivinhar jamais que depravações ocorriam nessa casa. De fato, Kimber tinha ido até lá para descobri-las pessoalmente.

Para averiguar se poderia suportá-las.

Fechando os dedos trementes em torno da alça da bolsa, armou-se de coragem e se aproximou da pesada porta de carvalho. Pensou em como era formosa a paisagem marinha da vidraça colorida, e chamou a campainha.

Contra toda lógica, esperou que Deke Trenton não estivesse em casa.

Nossa! Quanto tempo fazia que não o via? Cinco anos? Talvez mais. Queria poder passar outros cinco anos ou mais sem ter contato com ele. De fato, imaginar seu rosto era tudo o que faltava para fazê-la chiar os dentes e pensar em dar-lhe alguns socos. Quando Kimber tinha dezessete anos, ele tinha despertado nela uma curiosidade que a aterrorizava, mas que ao mesmo tempo não pudera ignorar. Na única vez em que tentara fazer algo a respeito, iniciando uma singela conversa, ele a rejeitara sem nem olhar. Durante muito tempo, tinha odiado Deke por isso.

Agora, em vez de evitá-lo, teria que pedir a ele o favor de sua vida.

E faria qualquer coisa para que não o negasse.

Afastando um cacho castanho avermelhado do rosto, Kimber obrigou-se a não verificar uma vez mais o brilho dos lábios. O rímel não estava borrado, tinha conferido minutos antes. As calças cor oliva, embora cômodas, tinham sido uma péssima escolha. Compensava-os com uma provocadora blusa branca de renda, que rodeava aos seios e com o decote baixo e arredondado para chamar a atenção. Tinha completado seu traje com sandálias brancas de salto alto que sabia que os homens gostavam, mas que, maldita seja, estavam fazendo bolhas em seus pés.

Não tinha sentido seguir adiando aquilo um minuto mais.

Engolindo saliva, Kimber voltou a tocar a campainha.

— Já vou — anunciou uma amortecida voz masculina.

Deke? Tinha passado muito tempo, e Kimber apagara de sua memória tudo o que

concernia àquele homem. Mas jamais tinha se esquecido de toda aquela voz profunda e rouca.

Sentiu mariposas no estômago quando ouviu o ruído de passos aproximando-se da porta. Tinha ensaiado mil vezes o que ia dizer. Deke pecava do mesmo comportamento militar de seu pai e seus irmãos, e não gostava de pessoas que faziam rodeios ou sutilezas. Assim, só esperava soltar o discurso sem chateá-lo.

De repente, um homem abriu a porta.

Não era Deke. Nem sequer se parecia com ele.

O cabelo negro estava solto sobre os ombros magros. Tinha comovedores olhos escuros e uma mandíbula firme com sombra de barba. Uma camiseta de cor cinza, e jeans descoloridos cobriam um corpo alto e atlético. Aquele homem poderia trabalhar de modelo e ganhar uma fortuna. Seu rosto era familiar, talvez o conhecesse.

— Posso te ajudar em algo? Seria um prazer para mim. — O divertido sorriso do homem indicou que era consciente de que o percorrera dos pés a cabeça e que não lhe importava em anda. De fato, ele fizera o mesmo.

Kimber riu. Era óbvio que a sutileza não era o seu forte.

— Sinto muito. Acredito que me confundi de casa. Estou procurando Deke Trenton. Suponho que me confundi de rua...

— Não. Chegou ao local correto. Meu primo Deke retornará logo.

— Deke é seu primo? — a possibilidade quase deixou-a boquiaberta.

Em termos físicos, os dois homens eram — literalmente — como a noite e o dia. O homem que estava ante ela era ardente e sensual, sombrio e luxurioso como a noite. Deke tinha a pele e o cabelo dourados, era duro e árduo como o dia.

Ele deu de ombros.

— Somos primos de segundo grau, já sei que não é para andar dizendo. Mas como ele paga sua parte, vivemos juntos. Eu sou...

— Luc Traverson. Oh, Santo Deus! Reconheci pelas fotos. Tenho vários de seus livros de cozinha.

— Sinto-me adulado.

Dirigiu-lhe um sorriso contrito.

— Oh, sim! Eu adoro suas receitas. Embora seja um autêntico desastre na cozinha.

A cordial risada masculina de Luc ressoou com um eco quente em seu ventre. Gostou dele imediatamente. Parecia boa gente. Singelo apesar de seu êxito.

— Como se chama, carinho?

— Kimber Edgington. — Estendeu-lhe a mão. — De verdade, é primo de Deke?

— Parece que sim. — Luc tomou sua mão, acariciando mais que estreitando. — Não posso te deixar aqui fora, no alpendre. Quer entrar e esperar? Eu adoraria desfrutar de sua companhia enquanto termino de fazer o jantar.

Aquele homem gotejava encanto sulino. Kimber se sentiu deslumbrada por ele.

— Obrigado. Acredita que Deke chegará logo?

— Sim. Ligou faz um momento para dizer que estava a caminho. — Luc se afastou de lado para que passasse.

Kimber entrou na casa, cheia de curiosidade. Nela reinava o classicismo de influência italiana, mas com um ar rústico e moderno ao mesmo tempo. O piso de madeira escura contrastava com as paredes brancas. Havia poltronas de couro e mesas de ferro fundido, e um televisor de plasma de cinqüenta polegadas. Era luxuosa e de bom gosto, mas mesmo assim, muito masculina.

— Calculo que chegará em dez minutos, mais ou menos. — Luc dirigiu-lhe um sorriso maroto. — O tempo exato para te oferecer um chá de framboesa e pães doces de pêssego recém feitos, além de descobrir como aquele imbecil conseguiu que uma beleza como você venha visitá-lo.

O sorriso de Kimber se esfumou de repente. Sua missão. Um par de magnéticos olhos escuros e algumas palavras amáveis, e já se esquecera da razão pela qual tinha ido lá.

Uma parte de Kimber mal podia acreditar que se atrevera vir. Era uma loucura. Uma estupidez.

E, entretanto, era fundamental para seu futuro.

Mas não ia deixar que Luc lhe surrupiasse a verdade, não importava quão deliciosos estivessem seus pães-doces. Embora o mais provável fosse que Deke contasse Luc assim que a pusesse de patinhas na rua.

— Só estava brincando. Não há necessidade de que fique tão séria. Não tem que me contar nada — assegurou ele com aquela voz rouca e íntima. A expressão brincalhona de seus olhos tinha sido substituída por um olhar escuro e sério.

— Sinto muito. — Kimber tentou sorrir. — É que estou um pouco...

— Nervosa? — sugeriu ele, conduzindo-a a uma brilhante cozinha.

— É uma casa preciosa, em especial a cozinha — suspirou ela, feliz por poder trocar de assunto.

Os elegantes móveis de cerejeira e aço inoxidável falavam de bom gosto europeu e cozinha de alta tecnologia. Com uma criativa mescla entre o antigo e o moderno, a cozinha com seis fogões, os balcões de granito e o forno duplo era o sonho de qualquer chef. Luc parecia encaixar-se ali perfeitamente.

— Obrigado. Se por acaso se pergunta isso, Deke não teve nada a ver com a decoração — disse, piscando o olho.

Decoração? Deke? A idéia a fez rir. Deke pendurava as armas no cabideiro e tinha as caixas dos cartuchos espalhadas pelo chão. Para ele, os prismáticos de infravermelhos eram o tema preferido na hora de tomar café. Um bom televisor, um sofá velho e uma câmara de segurança, e não necessitava nada mais para entreter-se.

— Acredito. Você decorou tudo?

— Com um pouco de ajuda de um amigo meu, que é decorador.

— Ficou muito bonita.

Ele respondeu com um sorriso.

— Me alegre de que você goste. Um chá de framboesa?

Luc apoiou a mão em sua cintura e a guiou para uma cadeira de ferro fundido com uma luxuosa almofada de cor musgo. Ela gostou da leve carícia. Kimber não tinha dúvida alguma de que muitas mulheres considerariam muito atraente ao chef. Ele era. Mas tinha algo que a

tranqüilizava. Ele cozinhava e decorava, e, além disso, a fazia sentir-se bem. Talvez fosse gay. Observou-o com atenção e reconsiderou esse último pensamento. "Não, é obvio que não é". Simplesmente, era uma pessoa educada e de trato fácil.

Justamente o contrário de seu primo. Deke sempre a tirava do sério, antes mesmo de dizer «olá».

— Então, conhece Deke — perguntou Luc, pegando um copo alto.

— Poderia se dizer que sim. — Dirigiu-lhe um tenso sorriso. — Meu pai e ele se dedicam ao mesmo. De fato, ele estava acostumado a trabalhar para meu pai. — Kimber tomou um gole de chá e não pôde conter um suspiro: "Isso está de morte!"

Luc franziu o cenho e logo deu-se conta de quem era ela.

— Ah, é a filha do coronel Edgington?

Kimber assentiu com a cabeça.

— Deke te falou que mim?

— Nunca mencionou seu nome. Na realidade, só me falou de seu pai. Terei que chutar o traseiro dele por esse descuido. É bonita. — Sentou-se na cadeira a seu lado e sorriu, esbanjando encanto. — Vou sentir-me muito infeliz se já te jogou o olho.

Um rubor acalorado subiu pelo pescoço de Kimber até suas bochechas. «Ruborizou-se?» Ela jamais se ruborizava. Jamais! Mas Luc e seus elogios eram demais para uma garota acostumada a tratar só com militares.

— Aposto que tem montões de mulheres rendidas a seus pés.

Uma ameaça de sorriso bateu as asas nessa boca exuberante, mas não respondeu.

— Deke sabia que viria?

— Não. E não me jogou o olho. Acredite-me, faz anos que não o vejo. Acredito que ainda estava na escola na última vez que o vi.

A surpresa se refletiu nos traços morenos e sensuais de Luc.

— E agora chega aqui como que caída do céu, decidida a falar com um homem pelo qual, se não me equivocar, não sente um especial carinho. É isso?

Kimber empalideceu. Aquele homem era realmente perspicaz.

— Eu... preciso falar com Deke. É urgente.

~*~*~*~*~*~*~

Deke estava junto à porta da cozinha, apertando os dentes com força.

Merda, reconheceria essa doce voz em qualquer lugar. Aguda, rítmica, com um leve toque de picardia. «Kimber Edgington». A garota que o deixava duro como um martelo pneumático. Sempre tinha sido assim. Durante todos e cada um dos dias em que trabalhara para o coronel. Era ouvir sua voz, e todo o sangue de seu corpo descia diretamente a seu membro. Um olhar desses doces olhos cor avelã e já estava preparado para a ação.

Deke fez uma careta enquanto ajeitava a braguilha. Maldita seja, ainda tinha esse poder sobre ele.

Ao menos já não tinha dezessete anos e tentava a um homem que era suficientemente mais velho para saber quando não devia brincar com fogo.

Fazia cinco anos que tinha deixado de trabalhar para seu pai, antes de fazer algo estúpido. Algo do que, estava seguro, arrependeu-se mais tarde, assim como teria feito ela.

Mas, por que demônios estava ali? «Merda, só há uma maneira de descobrir...»

Kimber conteve o fôlego quando ele entrou na cozinha. Deke se deteve ante a ilhota para ocultar a dura evidência de sua excitação. Ao ver o sorriso de diversão de seu primo, soube que não o tinha enganado.

Mas foi a Kimber em que prestou toda sua atenção. Tinha amadurecido. Seus lábios eram agora mais provocadores, as sardas se desvaneceram. Mal usava maquiagem. O ar de inocência permanecia intacto, e o convidava a corrompê-lo.

Deke apostaria todas suas medalhas que ainda era virgem.

«Está louco». Kimber devia ter já vinte e dois anos, vinte e três no máximo. Mas no mais profundo de seu ser, sabia que não se equivocava. Maldita seja! Tinha que desfazer-se dela. E com rapidez. Um desejo incontrolável e uma garota virgem eram uma combinação perigosa.

— Kimber. — A voz de Deke soou rouca pelo desejo. Reprimiu a vontade de fazer uma careta.

— Deke.

Seu nome pareceu flutuar daqueles lábios rosados e tentadores. O rouco som o deixou mais duro ainda. Então ela mordiscou o lábio inferior e ele só pôde pensar em deslizar seu membro entre esses lábios, em penetrar profundamente a sedosa umidade de sua boca enquanto ela o olhava com aqueles olhos inocentes.

Se não deixasse de pensar nessas coisas, teria que ir ao banheiro para masturbar-se antes de poder manter uma conversa coerente e desfazer-se dela.

— Olá — disse ela para romper o embaraçoso silêncio.

— Passou muito tempo da última vez que nos vimos.

Kimber assentiu com a cabeça. Foi um gesto automático que denotava nervosismo. Não tinha ouvido mais que umas poucas frases da conversa de Luc com Kimber. E foram o suficiente para saber que seu primo pensava que tinha jogado o olho àquela beleza. E que Kimber tinha uma razão importante para estar ali.

Como só tinham um conhecido em comum, pensou que devia se tratar do coronel.

— Aconteceu algo a seu pai?

— Está bem. Obrigada. — Kimber forçou um sorriso. — Ultimamente recebeu ameaças de algum dos psicopatas que enviou ao cárcere e que já foi posto em liberdade, mas isso não é nada novo.

«Não, não nesse tipo de trabalho».

— Não, não é.

Por fim, sua ereção diminuiu o suficiente para cruzar a cozinha e sentar-se ante a mesa de estilo italiano. Seu primo ainda esboçava um sorriso malicioso, e Deke dirigiu-lhe um olhar de advertência.

— Não pude evitar ouvir como dizia a Luc que tinha algo importante que me dizer. Não será sobre o coronel?

— Não. É sobre... — As pestanas de Kimber sombrearam suas bochechas quando

baixou a vista e voltou a morder o lábio.

Maldita seja, os gestos inocentes e sedutores de Kimber o punham a cem.

Ela levantou a vista de novo, e Deke viu que o olhava com determinação.

Interessante.

— É algo pessoal.

«Pessoal?». Deke não podia imaginar a que se referia. Tinha ido a ele para contar algo pessoal? Esforçou-se em ser um bode com ela enquanto trabalhava para seu pai. Não fora muito difícil, tendo em conta que havia se sentido duro todos os dias pela frustração sexual.

Transcorreu uma pausa silenciosa.

Luc se levantou e se aproximou de Kimber.

— Crianças, vou deixá-los uns minutos a sós. Há mais chá de framboesa. Não permita que o ogro te assuste. — Agarrou-lhe a mão e a beijou. — E não te ocorra partir sem se despedir.

Deke observou o intercâmbio e deu-se conta de que estava chiando os dentes. «Bastardo». Kimber possuía tudo o que seu primo desejava em uma mulher: doçura, virgindade e inocência. Que ela tivesse o cabelo avermelhado era só um incentivo mais.

«Mas já podia ir se esquecendo dessa mulher». Se Kimber estava vedada para ele, também estava para Luc.

O suave golpe de uma porta ao fechar-se no corredor indicou a Deke que seu primo se encerrara em seu escritório. Voltou a centrar-se em Kimber.

— Bem, continue. Estou escutando.

— Vim pedir um favor. Dou-me conta de que isto é um pouco estranho, mas... — interrompeu-se com um suspiro trêmulo, logo elevou o queixo e pareceu controlar os nervos. Um momento depois, olhou-o diretamente à cara. — Poderia me ensinar tudo sobre sexo, tal e como você gosta?

Em geral, a expressão de Deke jamais refletia seus pensamentos. Devido a seu trabalho, possuir uma expressão insondável era algo indispensável. Aquela era a primeira vez que Kimber o via ficar com a boca aberta. Não o teria surpreendido mais se tivesse pedido que escavasse o Grand Canion com suas próprias mãos.

— O que?

— Quero que me ensine como são as relações sexuais que você gosta.

As relações sexuais que ele gostava? Poderia haver algo mais estranho neste fodido planeta?

Estava acontecendo alguma coisa. Algo muito estranho. A virginal Kimber não podia gostar do mesmo que ele. Nem sequer deveria saber que existia.

Embora talvez estivesse interpretando-a mau. O mais provável era que não tivesse nem a mais remota idéia do que estava pedindo.

Com aquele tranqüilizador pensamento, deixou transparecer a irritação que sentia e negou com a cabeça.

— Por que porra foi querer saber algo assim?

Kimber não se alterou ante sua linguagem. Deke devia reconhecer isso e mais... como ter tido coragem suficiente para ir lá. Ao criar-se com o coronel e dois irmãos maiores, era

provável que tivesse ouvido todas as palavras malsoantes do mundo, e algumas mais de sua própria colheita. Mas se perguntou de onde teria tirado a coragem para lhe perguntar se queria... o que? Ser seu tutor sexual? Bufou para si mesmo ao pensar em todas as coisas que gostaria de ensiná-la.

— Acredito que chegou o momento de ampliar meus horizontes — explicou ela com despreocupação, de uma maneira que parecia ter sido ensaiada. — E apesar de sua atitude brusca, é um cara honrado. Nunca me faria mal...

— Até quando vou ter que seguir ouvindo este pequeno discurso antes de te dizer que não?

— Ainda não terminei.

— Nem sequer deveria ter começado.

— Preciso saber. Tenho que saber como agradar a um homem com essas inclinações.

Essas inclinações. Como se fosse algo fácil. Como se pudesse explicar-lhe com um simples esquema. Conteve uma amarga risada.

— Vamos ver se nos entendemos: quer aprender a foder comigo, mas não tem nem idéia de com vai ser coisa?

Kimber se enrijeceu.

— Claro que sei. Serão ménages; você gosta de compartilhar mulheres.

Como diabos descobrira isso? Era surpreendente. Perturbador. Condenadamente excitante.

Mas ela havia dito «ménage» como se a mera palavra a assustasse de morte. Deke riu longamente e encarou Kimber.

— Gatinha, está se colocando em uma cama de pregos.

— Por favor, não me trate como uma criança. Pode ser que não seja a mulher mais experimentada do mundo, mas o importa? Todos nos partimos do zero. Estou tentando aprender. Não te peço um compromisso nem que me dedique muito tempo. Falo de uma tarde ou duas, onde está o problema?

Então, a gatinha ainda tinha garras. Achava-a grosseiramente excitante. Imaginou-se tombando-a sobre essa mesma mesa, separando suas pernas para observar seu sexo aberto para ele, enquanto ela se retorcia e ofegava em pleno orgasmo.

Ele clareou a garganta e se obrigou a centrar-se.

— Esqueça por um segundo que não tem a mais vaga idéia sobre o tema. Vamos nos centrar na grande pergunta: por quê? Por que quer experimentar na pele como é ser compartilhada?

Kimber cruzou as mãos frente do corpo e vacilou. Estava tentando decidir o que lhe contar, pensando o que descartar e que não. Deke deu um minuto para que esclarecesse suas idéias; podia esperar. Não pensava ir a nenhum lugar até descobrir de onde vinha todo esse assunto.

— Não sei se vai lembrar, mas pouco antes de deixar de trabalhar com meu pai, ele estava protegendo Jesse McCall.

— Sim. — Deke encolheu os ombros.

— Jesse e eu... ficamos muito amigos nesse verão. Compartilhamos um vínculo

especial. Pode-se dizer que nosso amor floresceu. Saímos com outras pessoas, mas não é o mesmo. E nossa relação só se fez mais forte com os anos. Mantivemo-nos em contato por telefone e e-mail. Compartilhamos nossas esperanças, desejos e sonhos. Levei muitos anos pensando nele, em nós e acredito que acontece o mesmo com ele.

Que alguém lhe desse uma bolsa para o enjôo. Seriamente, Kimber engolia todo isso? Que enquanto Jesse ia atirando a toda e qualquer mulher que lhe aparecia pela frente, a amizade com Kimber tinha um significado especial para ele? Imaginou que seria possível... depois de que o inferno se congelasse.

— Já vejo — disse, arrastando as sílabas. — E isso, o que tem a ver?

— Bom, faz uns seis meses, falamos longamente de nossa relação. Disse que nunca poderia sentir por ninguém o que sentia por ele — mordiscou os lábios, titubeando. — Jesse me disse que se importava muito comigo, mas que seu estilo de vida me escandalizaria.

Não havia mais que ler os tablóides.

— Sim, com certeza.

— Vi montes de fotos dele com diferentes mulheres. Ouvi rumores sobre o quanto gosta de compartilhar as mulheres. Sei o que tenho que fazer para ter um futuro com ele. Mas ele diz que não quer me corromper; pensa que eu não poderia suportar. Tenho que demonstrar que posso ser o que ele necessita.

Santo Deus. Acaso tinha perdido completamente o julgamento? Pretendia que a ensinasse como agradar esse menino bonito, que se presumia ser cantor popular, e a algum vagabundo desconhecido ao mesmo tempo? Seria Kimber uma mulher imatura para sua idade, dessas que perdiam a cabeça pelas celebridades e gritavam como loucas cada vez que ouviam seu nome?

Seu estômago se encolheu.

— Assim, acredita que eu te ensinarei como conquistá-lo, e então viverão felizes e comerão perdizes?

Kimber se enrijeceu.

— Acredito que o mais inteligente seria ir para Jesse preparada para agradá-lo, e dessa maneira provar que posso ser alguém especial para ele.

— E de onde vem tanta pressa?

— Ele viveu na Europa durante os últimos anos. Nos vimos muito pouco. Mas por fim voltará para os Estados Unidos. Voltará para o Texas durante uns meses. Fizemos planos para nos ver e averiguar se nossa relação tem algum futuro. É minha oportunidade para demonstrar-lhe que ainda nos une esse vínculo especial.

«Vínculo especial?» Que demônios se supunha que queria dizer com isso?

— Em primeiro lugar, esse homem é uma estrela pop. Teve três álbuns número um nos dois últimos anos. As mulheres caem rendidas aos seus pés, e você sabe disso.

Ela elevou o queixo, altiva. Tinha mal gênio. Outra coisa que o punha tão duro como uma rocha.

— Precisamente por isso, não posso me permitir o luxo de não estar preparada. Sei que terei que competir por seu tempo e atenção. Sou consciente de que não sou tão mundana

como as groupies¹ que o perseguem. Mas existe uma conexão entre nós. Quero ver se isso nos leva a algum lugar, e acredito que ele também está disposto a isso, embora tenha medo de me machucar.

— E suponho que em segundo lugar, você é muito inocente para isto.

— Por isso, peço sua ajuda. Nego-me a ir vê-lo e correr o risco de que me considere uma criança. E porque tantas perguntas? Por acaso é tão difícil fazê-lo?

— Acredita que se te ajudar com esse fodido esquema, será o suficiente para saber tudo o que terá que saber sobre as ménages, certo?

— Estou disposta a que me explique isso, e talvez também me faça falta uma demonstração. Depende.

«Fodidamente incrível».

— Uma explicação não te serviria de nada, gatinha, e não te prepararia para o que realmente necessita. Quanto a uma demonstração, o mais provável é que saísse correndo, espantada.

Ela franziu o cenho. A frustração de Kimber aumentava ao mesmo tempo em que seu desejo por ela.

— Se for assim, tenho que saber agora, antes de me comprometer com Jesse. Se o comprovar por mim mesma...

— Sairia daqui gritando e correndo tão rápido que baterias todos os recordes. Não poderia suportá-lo.

— Por quê? Acaso estamos falando também sobre sadomasoquismo ou dominação?

Deke aumentou os olhos surpreso. Como sabia ela dessas coisas?

— Não pareça tão surpreso. Não sou precisamente um bebê.

— Pode que não. Mas é virgem ainda. Apostaria minha vida nisso.

— Sim. E daí? Estou me reservando para Jesse. — Afastou um brilhante cacho avermelhado do rosto, agindo como se anunciar que uma mulher de vinte e tantos anos era virgem fosse a coisa mais natural do mundo. — Deke, sei que não me deve nada, mas estou pedindo o mais amavelmente possível que me ajude.

— Pois pode se foder com sua petição. Não me importa como o expõe. É uma condenada estupidez.

— Se o que se preocupa é que meu pai se zangue...

— Demônios, sim, é obvio que se zangará. Mas não é por essa razão pela que não estou disposto a te ajudar. Kimber, este não é o tipo de sexo agrada a uma virgem.

Ela fez uma pausa, refletindo sobre isso. Logo ficou em pé.

— Certo, entendo. Ao que parece, não te atraio para nada. Genial. Encontrarei outra maneira de aprender.

Deke deveria deixar que acreditasse isso e que partisse, mas não podia. Tinha que fazê-la saber que sim, o atraía... E por esse mesmo motivo estava brincando com fogo.

Deke se levantou e se interpôs em seu caminho.

— Então, pensa que não me atrai? — Baixou o olhar ao membro grosso e duro que esticava a braguilha dos jeans. Imediatamente, ela seguiu a direção de seu olhar. O suave

¹ O termo Groupie significa Fã ou Tiete, no mundo da música, as Groupies são bem famosas.

ofego que emitiu só o deixou mais duro. — Gatinha, não pode imaginar o que me passou pela cabeça desde que me veio com esse pedido, com essa boca tão desejável que tem. Mas duvido que queira sabê-lo.

Um ardente rubor alagou as bochechas de Kimber enquanto olhava de novo a virilha de Deke. Mordiscou os lábios. Sempre fazia isso quando estava nervosa ou pensativa.

— Sim, eu quero. Quero saber tudo sobre as relações sexuais que você gosta. As que Jesse gosta.

Deke se sentiu incômodo, e prometeu a si mesmo que se alguma vez tocasse Kimber, ela deixaria de pensar naquela efeminada estrela do pop. Estaria muito ocupada com ele.

Só em pensar em dizer que não, fazia-o sentir como se lhe esmagassem as bolas. Merda, ela estava se oferecendo em uma bandeja, para que saciasse sua luxúria por ela. Luxúria que ele estava a mais de cinco anos contendo. Luxúria que deixava seu membro incrivelmente duro e que o fazia sentir um desejo que lhe retorcia as vísceras.

«É inocente. Virgem. Perigo!»

Tinha chegado o momento de pôr fim àquilo. De verdade, Kimber acreditava que era suficientemente amadurecida para ser compartilhada? Sim, tinha que fazer com que saísse correndo em questão de segundos. Seria o melhor antes de cometer alguma loucura como agarrá-la, tocá-la, excitá-la e penetrá-la até o fundo.

— O sexo que eu gosto não é nem doce nem romântico, gatinha. É cru, e em ocasiões doloroso, para uma mulher. Pode requerer costas de aço e muita resistência.

Kimber ficou tensa e engoliu saliva. Estava nervosa... mas intrigada. A curiosidade formava redemoinhos naqueles preciosos olhos cor avelã. Ao fim, ela assentiu com a cabeça.

— Continue.

Deke se aproximou mais. Não podia conter-se. Agora também captava seu aroma. Desprendia um aroma de pêssegos, a açúcar mascavo e a desejo feminino. Acaso suas palavras estariam esquentando-a? Ou seria saber que o excitava o que a fazia umedecer-se?

Deu outro passo, invadindo o espaço pessoal de Kimber, e aproximou os lábios a seu ouvido.

— Em meu caso, ménage implica em compartilhar a uma mulher, dois homens fodendo ela ao mesmo tempo, levando-a ao orgasmo e deixando-a tão louca de prazer, que ela se esquece seu nome e grita até que o teto caia.

Deke se afastou para avaliar a reação de Kimber. Tinha a boca entreaberta em um silencioso ofego, e os olhos arregalados com as pupilas dilatadas. Oh, maldita seja. Seria possível que a idéia a atraísse? Seu pênis estava preparado para dançar um tango, apesar de que sua mente estivesse tentando por todos os meios cortar a música pela raiz.

— Me ajude a entender. Por que você gosta das ménages? — conseguiu sussurrar ela — Por que não fazer amor com uma só mulher? Só os dois.

— Dois homens podem fazer com que uma mulher alcance um prazer tão incrível, que ela estará disposta a fazer o que for pelo prazer de seus amantes. E para isso, tenho que ter um assento na primeira fila.

Kimber se avermelhou ainda mais. O aroma do desejo feminino flutuava agora no ar. Os mamilos dela se ergueram ao mesmo tempo em que se umedecia os lábios com nervosismo.

— Entendo.

O ventre de Deke se contraiu ante a imagem daquela língua rosada.

— Seriamente?

— Estou a par dessas coisas. Tenho lido muito. Compreendo como é possível fisicamente, mas... o que acontece com os laços afetivos?

— Os laços afetivos?

Ele devia ser de Marte, porque essa pergunta era, definitivamente, de Vênus. O que acontecera com as perguntas que esperava? Coisas como, por onde se metem os pênis? Como fodiam dois homens a uma mulher simultaneamente? Essas sim eram coisas que ele podia responder. Com toda riqueza de detalhes, aliás. Ficaria encantado em vê-la penetrada por dois membros batendo-se em duelo, um por sua apertada vagina e o outro pelo intocável traseiro.

Merda, tinha que deixar de pensar nisso antes que os jeans lhe constrangessem a ereção.

— Como se dirigem essas relações para que o ciúme não interfira?

— É que não são relações. É só sexo. De qualquer forma que possa ser consumado por três pessoas ao mesmo tempo.

— Ah. — Ela piscou e logo afastou o olhar. — Deveria ter me dado conta, você não é dos que mantêm relações.

— Me basto com a luxúria. — Qualquer outra coisa era potencialmente catastrófica. De fato, já tinha passado por isso uma vez... e não queria recordar o pesadelo que tinha sido depois.

— Bom, o certo é que com você, a luxúria vai bem também. Só... só quero aprender o que puder me ensinar.

«Ainda?»

— Está falando sério?

Kimber se agarrou a sua bolsa e endireitou os ombros.

— Hoje conduzi mais de cento e cinquenta quilômetros para falar com você, um homem a quem não vejo há cinco anos. Um ao qual nunca gostei muito. Engoli meu orgulho para admitir frente de você por que quero isto, e por que ainda sigo sendo virgem. Teria tido tanto trabalho se não estivesse segura de que quero aprender a agradar Jesse, e decidir se isto é o que quero em minha vida?

«Jesse». Aí estava o nome daquele vagabundo outra vez. Maldito imitador dos fodidos Backstreet Boys. Maldito fosse ele e sua melodiosa voz de falsete, que monopolizava as listas de êxitos. Deke não podia entender por que um homem queria soar como uma mulher frente de todo mundo.

— Não sou o homem adequado para isso, Kimber. Não posso fazê-lo.

Ela apertou os lábios e esticou os dedos em torno da correia da bolsa.

— Por que não?

— Por um milhão de razões. Para começar, não me deito com virgens.

— Não te pedi que fizesse isso. De fato, reservo minha virgindade para Jesse. Não sei por que não pode me dar ao menos algumas explicações sobre as partes mais complexas.

— Porque as explicações não lhe serviriam de nada, gatinha. Não saberá o que é tudo

isto, não até que se encontre brocada por um par de paus bem duros.

— Me explique isso. Brocada exatamente onde? E de que maneira? De uma que implique dor?

As palavras de Deke não a haviam assustado nem um pouco. Suas perguntas o aturdiavam, aterravam-na. Por que Kimber não tinha medo? Ele sim que o tinha.

— Não vou falar disso. Se quiser informação sobre os ménages, busca nos livros.

— Como você muito bem disse, as palavras não são um bom substituto da experiência.

— Então, que seja esse menino bonito de voz efeminada o que te proporcione experiência. Porque, certamente, não serei eu.

— Genial. — Passou por seu lado. — Você não quer me ajudar. Deixe-me pensar... com quem saía quando trabalhava para meu pai? Ah, sim, com Adam Catrell. Lembro de ter ouvido rumores sobre ele também. Sabe se vive perto daqui? Suponho que posso pedir a ele. E se não tiver interesse, acredito que Justin Wheeler também era seu amigo, não era? Pode que esteja disposto a me ajudar, assim adeus e obrigada. — Apressou-se para a porta.

Deke se enrijeceu. Oh, sim... tanto Adam como Justin estariam mais que dispostos a ajudá-la... fosse com ou sem roupa. Mas nenhum dos dois era conhecido por ser cuidadoso. A virgindade de Kimber não significaria nada para eles. Veriam carne fresca e succulenta, e se enterrariam nela, ofegando como cães famintos.

Mas Deke disse a si mesmo que essa era a escolha de Kimber... problema dela.

Entretanto, se deixasse que ela saísse por aquela porta, acabaria maltratada por aquele par de rottweillers famintos. E isso era algo que aborrecia profundamente. Ela acabaria esmagada em questão de minutos, e, por alguma maldita razão, não podia permitir que isso ocorresse. Talvez fosse devido a sua lealdade para o coronel, ou algo pelo estilo.

«Maldita seja». Teria que dissuadi-la de seguir por esse caminho antes que se fosse. Chiando os dentes, repassou mentalmente qual seria a melhor maneira de consegui-lo. Por desgraça, não havia muitas opções. E até agora, falar não tinha servido de nada.

Tinha chegado o momento de passar à ação.

Deke a agarrou pelo braço e a atraiu contra seu corpo. Os seios de Kimber, doces e firmes, queimaram sua pele como se ele não levasse camisa. Amaldiçoou para si mesmo ante o contato. «Maldição!». Aquela garota sempre o fizera sentir algo. Agora, depois de cinco anos, o efeito era ainda mais pronunciado.

Kimber ofegou quando seus corpos se roçaram. Elevou o olhar lentamente para o dele. A excitação ardia em seu rosto, resplandecia naquelas dilatadas pupilas cor avelã. Ao ver a expressão dela, Deke se perguntou se essa era a primeira vez que Kimber havia sentido algo por ele que não fosse irritação.

A possibilidade não era muito adulatora.

«Aquele plano não podia durar mais de três minutos...»

— Espere um momento. — Esticou os dedos que agarravam o braço dela antes de obrigar a si mesmo a relaxá-los. — Suponhamos que fala a sério. E que eu reconsidero sua petição. Teria que ser com demonstração prática, e tudo mais.

Ela engoliu em seco. Seu coração saltou um batimento do coração. Deus, não tinha nem idéia do perigosamente perto que estava de acabar tombada sobre a mesa da cozinha para

converter-se em seu lanche.

— Certo. Quem seria...? Quem se uniria a nós?

Luc resolveu esse dilema ao entrar tranqüilamente na cozinha com um sorriso sedutor e um olhar que era impossível de interpretar mal. Então, seu primo estivera escutando? Deke fez Kimber girar-se para ele.

— Olá, carinho — disse Luc com acento arrastado.

Deke sentiu que Kimber tremia em seus braços quando cruzou com o olhar de seu primo. Conteve o instinto de tranqüilizá-la. Aquilo deveria deixar muito claro a que se propunha, e deveria fazer com que Kimber descartasse seus planos ipso facto². Tranqüilizar a garota era a última coisa que deveria fazer.

— Deke e você...? — Kimber tremeu a voz.

— Exato.

Inclusive a respiração feminina era tremente. Estava nervosa. «Estupendo». Por fim, algo tinha penetrado naquela cabeça dura. Tinha chegado o momento de que Kimber soltasse um terminante «não».

Deke dirigiu a seu primo um olhar de advertência enquanto assentia com a cabeça. Ele respondeu com um indício de sorriso, logo se aproximou deles.

Capítulo 2

Kimber estremeceu apesar das enormes mãos de Deke em seus ombros, tranqüilizando-a. Queimando-a.

A idéia desses dois homens selvagens e atrevidos, que pareciam saídos de uma novela erótica, e ela, estava a ponto de converter-se em realidade. Poderia agüentar? Poderia aceitá-lo como parte permanente de sua vida?

Luc se aproximou lentamente dela, com um sorriso de tubarão e um olhar faminto. A excitação e o medo a deixaram sem fôlego. Deke tinha razão: as palavras não podiam prepará-la para a realidade desses dois homens. Ele mal a tocava e Luc estava ainda a meio metro. Na cozinha, se apalpava a testosterona que sobrecarregou seus sentidos, fazendo que zumbisse sua cabeça. Tinha os nervos tão à flor de pele que estremeceu.

Por ser virgem, Kimber se sentia um pouco intimidada, mas não assustada. Nervosa... sim. Mas isso não ia detê-la. Tinha que saber se podia ser a mulher que Jesse necessitava, se podia aceitar as carícias de dois homens ao mesmo tempo. A tranqüilidade que a envolveu era provavelmente o resultado de criar-se com homens decididos. Ter medo não era uma opção. Tinha que fazê-lo.

E também sentia curiosidade... sim. Uma curiosidade repentina. Como seria poder desfrutar da alegre delicadeza de Luc e do cru poder de Deke, ao mesmo tempo? Ardia em desejos por conhecer a resposta. O comichão que sentiu no estômago se mesclou com a

² ipso facto é uma frase latina, que significa que um certo efeito é uma conseqüência direta da ação em causa, em vez de ser provocada por uma ação subsequente, como o veredicto de um tribunal. É um termo usado em filosofia da arte, direito e ciências.

curiosidade e a fascinação, criando uma potente beberagem.

«Espere». Kimber engoliu em seco, recordando por que estava ali. A resposta a sua pergunta era irrelevante. Não importava como a fizessem sentir Deke e Luc. Ela estava ali para aprender, pelo Jesse, para que ele a visse como uma mulher. Alguém a quem pudesse considerar sua mulher quando a abraçasse ou quando a compartilhasse... Com quem a compartilharia? Com os membros de seu grupo? Com alguma groupie? Jesse se negara a lhe dar detalhes sobre sua vida sexual, aquela que os periódicos sensacionalistas consideravam depravada e escandalosa.

Então, Luc a tocou, e deslizou as mãos pelos seus quadris. A pergunta se dissipou sob o ardente contato de seus dedos quando a acariciou brandamente e lhe deu a volta, deixando-a de novo de cara com Deke. Seu olhar se encontrou com o de Luc por cima do ombro. Sem afastar as mãos dela, ele a fez descansar contra seu corpo, apertando-a contra seu peito, embalando sua ereção contra o traseiro.

Mal teve tempo de reagir ante a descarga ardente e o abrasador desejo que se enroscou em seu ventre, quando os dedos de Deke se enredaram em seus cabelos e arrastaram seu olhar para os olhos azuis, um azul hipnótico parecido ao dos jeans lavados.

— Kimber, — grunhiu Deke — está brincando com fogo, neném. Prepare-se para as queimaduras.

Fechou os punhos e sem mais aviso, baixou a cabeça.

Com um simples toque de sua boca, Deke lhe abriu e invadiu os lábios, acendendo seus sentidos quando deslizou a língua dentro de sua boca e arrasou tudo o que tocava com cada lânguida e excitante carícia.

Tinha esperado de Deke um beijo rude, sem concessões ante sua inexperiência. Não foi assim. Era faminto e exigente, sim, mas bom, muito bom. Um enredo selvagem de lábios, fôlego e fome.

Já haviam beijado Kimber antes, mas não dessa maneira. Jamais sem vacilação alguma. Mas Deke não era dos que perdia tempo.

De repente, ele se retirou, deixando-a dolorida e sem forças. Oh, Deus. Seu sabor. Era excitante e masculino. Viciante. Kimber desejava mais, muito mais.

Com um só beijo tinha despojado suas defesas, tinha posto seu mundo do avesso, acabando com seu controle.

Deke roçou os lábios com os seus outra vez, e Kimber abriu a boca um pouco mais. Ele se afundou nela com mais profundidade que antes. Saboreou-a, brincou com ela, retirou-se. «Não!» Kimber necessitava mais, e pressionou as palmas das mãos contra a sólida parede do peito de Deke, ali onde sentia palpitar grosseiramente seu coração.

Deke a recompensou com outra provocadora carícia de seus lábios, que derreteram os dela com aquela firme e selvagem posse. Embora o tivesse esperado, a invasão de sua língua a deixou sem defesas uma vez mais. Deslizou as mãos do peito ao cabelo de Deke. Tentou agarrar-se a seus curtos cabelos para aproximá-lo mais a ela, mas o cabelo, assim como seu dono, era esquivo. Kimber morria de desejo. Arranhou-o. Mal podia respirar, estava zozna, deleitada no calor que invadia seu ventre. Os mamilos estavam esticados e duros. Era selvagem. Tão bom...

Notou uma mão cálida curvando-se sobre seu braço e subindo em uma lenta carícia. Luc. Quase tinha se esquecido dele, mas quando ele se aproximou mais a ela, quando o calor de seu torso contra suas costas e a dureza de seu membro ainda apertado contra seu traseiro se fez mais evidente, foi impossível ignorá-lo.

Luc levantou a mão e afastou o cabelo de seu pescoço. A suave pressão da ardente boca daquele homem e seu quente fôlego sobre o pescoço foi como uma suave chuva sobre sua pele sensível. Kimber estremeceu, mas Luc continuou. A feroz resposta dela estimulou seus próprios sentidos, em sintonia com as demandas suaves e ternas do beijo de Deke.

Mãos firmes se deslizaram sobre as costelas femininas. Luc de novo. Aqueles dedos indagadores roçaram o lateral dos seios. Inesperadas sensações atravessaram diretamente seus mamilos, endurecendo-os ainda mais. Kimber gemeu enquanto Deke seguia beijando-a, absorvendo o som com sua ávida boca. Inclinando a cabeça, amoldou seus lábios perfeitamente aos dela, e seu beijo se fez mais persistente.

Kimber se derreteu, gemendo. Ardia tal e como Deke quando o desejo a embargou, quando o sangue ferveu a temperaturas abrasadoras. E se sentiu dolorida. Queria mais. Muito mais!

Agarrando-a firmemente pelos quadris, Deke se arqueou contra ela, apertando sua impressionante ereção em um movimento delicioso e sugestivo contra seu sexo. Aquilo não a apaziguou, só a inflamou ainda mais, e gemeu.

Dobrando os joelhos, Deke agarrou-a pelas coxas e levantou-a. Kimber mal teve tempo de soltar um grito afogado antes que a deixasse cair contra Luc, cujo pênis se apertava ainda mais contra ela. Mas não tinha terminado...

Deke arrancou suas calças e a calçinha, e logo abriu suas pernas, mantendo-as separadas com aquelas enormes mãos. Luc o ajudou sustentando seus joelhos com os antebraços, deixando-a aberta e exposta ante seu primo. O coração de Kimber pulsava tão rápido que ela não podia ouvir nada mais além do seu frenético palpitar, enquanto observava como Deke a olhava como se a vida dependesse disso. Kimber enviou um convite a esses profundos olhos azuis que brilhavam intensamente, com um calor abrasador.

Deke ficou imóvel, esperando. Olhando. Deixando-a louca de antecipação e desejo.

— Deke...

— Mantenha suas pernas separadas — disse ele a Luc.

Logo se introduziu entre as coxas separadas e pressionou intimamente a braguilha dos jeans contra as dobras úmidas. Ante o contato, o clitóris de Kimber respondeu com um ávido batimento do coração. Deke a segurou pelos quadris, afastando-a do agarre de Luc. Rodeou seus quadris com as pernas de Kimber e investiu contra ela uma e outra vez. Kimber gritou. Masturbar-se jamais tinha sido tão intenso e agudo. Tão decadente. Tão enlouquecedor.

Antes que ela pudesse assimilar ou pensar em sua seguinte carícia, Luc deslizou as mãos do tórax ao ventre e logo para cima de novo. E mais acima, até lhe apalpar os seios com as cálidas palmas de suas mãos. Kimber se derreteu com um longo gemido. Beliscou-a brandamente com os dedos e o estremecimento de desejo baixou disparado para seu clitóris. Os mamilos se arrepiaram ante a dolorosa tensão de seu tato, e ele os esfregou com os polegares.

Kimber levou um momento para dar-se conta de que Deke observava as carícias de Luc com um olhar escuro de desejo. Com olhos que, quando olharam para ela, prometiam devorá-la. Um agudo desejo deslizou pelo ventre de Kimber, retorcendo suas vísceras com uma necessidade premente.

— Temos que tirar isto — disse, dirigindo os dedos ao último botão da blusa.

— Agora — concordou Luc. E juntos, deixaram-na sobre o balcão.

Um momento depois, Luc dirigiu os dedos ao botão superior da blusa e o desabotoou. As mãos masculinas se ocuparam dos pequenos botões entre maldições, expondo-a a seus devoradores olhares com uma rapidez que Kimber mal podia assimilar. Aturdida, observou como sua própria pele tensa e dolorida ia ficando exposta, até que todos os botões foram desabotoados. Luc tirou sua blusa por um ombro, enquanto Deke a tirava do outro e levantava o olhar para ela.

Esses olhos eram intensos. Ferozes. Decididos. Um redemoinho de desejo se juntou no ventre de Kimber, deixando-a sem respiração, despojando-a de qualquer pensamento racional...

Com o quente fôlego de Deke no pescoço fazendo-a em pedaços, este alargou as mãos por detrás e desabotoou o sutiã com dedos ágeis. «Oh, Meu Deus! Oh, maldita seja!» Estava nua. Isso ficava sério. E enlouquecedor. E, entretanto, era maravilhoso. Não podia deter-se. Ainda não... logo.

— Oh! — gemeu quando a boca de Deke cobriu um seio. Mordiscou brandamente seu mamilo até que vários estremecimentos sacudiram as terminações nervosas entre seus seios. Até que seu clitóris estremeceu de desejo. A sensação se multiplicou quando Luc beliscou o sensível topo do outro assume no mesmo momento que inclinava a cabeça e cobria sua boca com um beijo sugador.

Mais que beijá-la, seduzia-a sem palavras. Luc era um artista, um perito. Não se apressou nem exigiu. Enrolou-a, brincou com ela, provocando-a com o quente roçar de sua língua para logo retroceder, deixando-a ardendo de desejo. Só aquele beijo teria sido suficiente para fazê-la perder a cabeça, para que se derretesse como cera quente. Com aquela ereção apertada contra sua coxa, as sensações eram absolutamente explosivas.

Deke continuava sugando o mamilo, e trocou ao outro com decisão, afastando os dedos de Luc para alcançar o sensível broto em sua boca dura, mordendo-o com suavidade, lambendo-o com a língua, no mesmo momento que apertava a dura protuberância de sua ereção contra o palpitante clitóris.

Dessa vez, a boca de Luc amorteceu seus gritos. A ardente brincadeira de seu beijo absorveu o som e pediu mais. E lhe ofereceu outro ofego com gosto, quando Deke investiu no lugar adequado enquanto sugava seu mamilo com dura ferocidade. Logo Luc terminou o beijo com uma suave exigência que a fez estremecer de prazer. Seus lábios tremeram quando ele retrocedeu ofegante para tomar ar. Kimber sentiu uma elétrica linha de prazer entre os seios e o sexo, que a fez estremecer dos pés a cabeça.

— Seu sabor é tão doce como o açúcar em minha boca — elogiou-a Luc, acariciando com a boca a lateral de seu pescoço, enquanto que com o polegar o roçava o mamilo ainda úmido pela boca de Deke. — Tão doce que se desfaz.

Essa hábil boca percorreu seu queixo, subiu pela bochecha, fazendo uma pausa antes de capturar seus lábios de novo e afundar-se neles. Ele se excitou com o beijo, fazendo-a arder cada vez mais, lhe prometendo com cada carícia que a satisfaria... ao seu devido tempo. A sua maneira.

Para aumentar as já crescentes sensações, Deke continuou esfregando-se contra seu clitóris com impulsos constantes, friccionando com fúria, acendendo-a da cintura para abaixo. Beliscou seus mamilos, retorceu-os em um e outro sentido, estirando-os, estimulando suas sensações. Quando ela ofegou e se agarrou aos braços de Deke, jurando que ia gozar, ele retrocedeu e Luc também.

Kimber gritou de frustração.

Deke lançou-lhe um olhar impiedoso e roçou o sensível mamilo.

— Quer mais, gatinha?

Estava jogando com ela. Bom, estavam. Mas nesse momento, Kimber conduzia-se sem cuidado. Jamais havia sentido nada parecido ao prazer que Luc e Deke a estavam brindando. Suas sensações eram como areias movediças que a arrastavam, afogavam-na. Quanto mais se retorcia, mais se afundava. E adorava.

— Por favor. — A palavra saiu de sua boca em um ofego.

Luc se inclinou para depositar um desses devastadores beijos em sua boca, em seu seguinte fôlego. Deke continuou com a rítmica fricção de seu membro contra o clitóris de Kimber, ao mesmo tempo em que mordiscava sem piedade seus mamilos com a boca.

Cada vez que a tocavam, novas sensações se derramavam sobre ela como mel quente, que rapidamente se convertia em fogo líquido. Estava flutuando, afundando-se, implorando...

— Mais. — A palavra escapou de seus lábios em outro ofego urgente.

Deke a beijou por cima dos seios, resfolegando sobre seu pescoço. Ela estremeceu, e Luc a imobilizou com outro beijo devorador. A boca do homem parecia dizer com cada aposta da língua que queria algo que só ela podia lhe dar. O que era mentira, mas tão, tão efetiva. Kimber apostaria o que fosse que quando Luc pousava sua boca sobre uma mulher, não havia nada que esta pudesse negar.

Quando Deke mordiscou seu lóbulo e a rodeou com seus braços, as sensações se tornaram ainda mais intensas. Kimber se arqueou contra seu poderoso e musculoso peito, odiando repentinamente a camisa — qualquer objeto — que se interpunha entre sua pele e a dela.

Kimber jamais tinha imaginado que pudesse desejar dessa maneira a um homem tão irritante, mas o fazia. Por quê?

— Quer mais do que? — O sedoso sussurro de Deke se deslizou por suas costas, logo pareceu acariciá-la naquele lugar molhado que suspirava dolorosamente por ele.

Como conseguia fazer isso com um simples sussurro? Como conseguia que o som se cravasse diretamente em seu clitóris?

Luc levantou a cabeça para ouvir sua resposta.

— Sinto-me fantástica — foi tudo o que ela pôde sussurrar em resposta.

Duvidava que pudesse dizer algo que eles já não soubessem.

— Pode ser ainda melhor — murmurou Luc no outro ouvido.

«Melhor? Que Deus a ajudasse».

Geralmente, Kimber era feita de uma massa muito dura. O único quesito onde não havia ganhado de seus irmãos tinha sido em uma luta corpo a corpo. Em todo o resto: em suportar a dor, em agüentar a bebida, em velocidade, em resistência... os vendera ao menos uma vez.

Mas esse prazer esmagava sua vontade.

— Se deseja mais, nós lhe daremos isso. Quero te pôr de barriga para baixo sobre a mesa da cozinha e observar como Luc suga seu clitóris enquanto você me chupa.

Com os olhos nublados de desejo, Kimber dirigiu o olhar à mesa em questão. Podia imaginar a cena. Com muita facilidade. Jamais fizera uma mamada em um homem, mas tentaria. De fato, adoraria fazer com que o senhor tipo duro afrouxasse os joelhos. E se um beijo de Luc era o céu, não podia nem imaginar quão fabuloso seria com o sexo oral.

Mas o tom desafiante das palavras de Deke incomodou-a. Acaso pensava que ainda estava com medo?

— Certo — disse Kimber e inspirou profundamente.

— Será melhor que espere para ouvir com o que está concordando.

— Deke — interrompeu Luc, com o cenho franzido.

Uma boa parte de músculo dourado ficou à vista quando Deke levantou uma mão.

— Deve ouvir tudo.

Dirigindo-se a ela outra vez, Deke segurou seu rosto e forçou-a a encará-lo.

— Depois, quero te levar para cama e observar como Luc afunda seu pau profundamente dentro de você, enquanto ofega e grita e goza. Enquanto ele está nisso, eu me ocuparei de seu doce traseiro, e treparemos com você ao mesmo tempo. Juntos. Com força. Durante toda a noite. Até que esteja esgotada, saciada, exausta.

O calor e o alarme a atravessaram ao um mesmo tempo. A idéia a atraía de uma maneira proibida. Jamais tinha imaginado de verdade como seria estar com dois homens. Mas agora o fazia. Não duvidava que estes dois a fariam gozar. Mas ela queria conservar sua virgindade... não importava quanto custasse.

E, além disso, havia algo nas palavras de Deke que a irritava. Soava como se só quisesse... usá-la. Como se ela fosse uma mulher qualquer que tivesse conhecido no balcão de um bar, e a tivesse levado a casa para uma transa rápida.

— E então, voltaremos a te possuir — continuou Deke com voz rouca. — Dormiremos uma hora e voltaremos a te tomar outra vez, tão dura e profundamente que não poderá andar nem se sentar durante uma semana. O que te parece, gatinha? Entende agora do que se trata tudo isto?

O olhar em seu rosto era o de um autêntico predador. Desejava-a. Para foder. Nada mais. Não se importava se com isso a ajudava ou não.

Kimber engoliu em seco, tentando pensar apesar do desejo, da cólera e da confusão. «Separe os fatos das emoções», era o que seu pai tinha lhe ensinado. Tal e como ela o via nesse momento, Deke parecia um bastardo, o que provava que talvez as primeiras impressões fossem as corretas.

— Vim a você para pedir um favor, e age como se estivesse ante um cilindro fácil de usar e jogar.

Deke encolheu os ombros.

— Um favor... certo. Pois isso é o que estou fazendo. Se puder seguir o ritmo que Luc e eu marcamos durante uma noite, sem dúvida estará preparada para tudo o que quiser esse menino bonito. Aceita ou não?

— Em primeiro lugar, tenho a intenção de conservar minha virgindade para Jesse. Já disse isso.

— Genial. Suponho que seu traseiro e sua boca acabarão ardidados, mas posso viver sem sua virgindade. E você, Luc?

Kimber dirigiu o olhar ao moreno e alto sedutor. Ele tomou seu tempo antes de responder.

— Eu não tomaria nada que Kimber não quisesse dar.

— Vê? — Deke lhe dirigiu um tenso sorriso. — Já está tudo resolvido. Suba na mesa.

Ela o observou fechar os dedos sobre o botão superior dos jeans e, com um movimento rápido da mão, abriu-o, revelando durante um instante a pele dourada daquele tenso abdômen.

Os nervos de Kimber se crisparam. Loucura. Agiam como um par de lobos famintos. Acaso ele esperava que ela subisse à mesa e se convertesse no lanche? Acaso pensava que ia abrir as pernas, fazer-lhe uma mamada e...? Não.

Ela não tinha ido ali procurando um final feliz. Mas pensara que ao menos lhe explicaria como funcionava esse tipo de sexo. E se tivessem que fazer uma demonstração, deveriam ir devagar, fazendo-a sentir-se segura. Esse prazer era algo que ela daria e receberia. Não algo tosco e rude, pensado para afugentá-la.

Kimber compreendia o que Deke quisera dizer, que as palavras não eram suficientes. Mas agora seu corpo se esfriou — mais com cada palavra que ele dizia — e a lógica ocupava seu lugar.

— Em segundo lugar, — continuou ela — eu não gosto de sua atitude. Age como se eu fora só uma qualquer. Como se apenas em ter um buraco úmido no qual se enfiar, fosse feliz.

Deke ficou pensativo, como se estivesse considerando a idéia.

— Isso é bastante preciso. Você aprende. Nós desfrutamos. Todos sairão ganhando. Suba na mesa.

De verdade, acreditava que iria manipulá-la?

Kimber observou como Deke baixava seu zíper. Luc tirou a camisa por cima da cabeça e a atirou ao chão, expondo um peito coberto de pêlo escuro e montões de músculos de pele azeitonada.

O pulsar frenético do coração de Kimber e sua selvagem e agitada respiração indicavam algo mais profundo. Sim, medo era o que sentia agora. Cruel e implacável. Não importava o que tivesse lhe ensinado seu pai, não podia ignorá-lo. Não podia continuar adiante para enfrentar isso. Se deixasse, cairiam sobre ela e utilizariam cada parte de seu corpo até que ficasse exausta, depois a enviariam para casa sem olhar para trás. Enrolariam-na e esperariam que ela seguisse o ritmo. Seriam rápidos e violentos. Atacariam-na, golpeariam-na, a

foderiam. Talvez Luc se importasse com sua pouca experiência, mas não o conhecia tão bem para assegurá-lo. Deke tinha deixado bem claro que só a via como sexo fácil, e nada mais.

«Bastardo!»

Recolheu sua roupa do balcão, colocou as calças e fechou a blusa sobre os seios. Agarrou-se à roupa íntima como se seu salva-vidas.

— Vim te pedir um favor.

Maldita seja, odiava que lhe tremesse a voz.

— E temos dois pênis duros e preparados para lhe conceder isso — assegurou Deke. — Um favor com favor se paga. Suba na mesa.

— Não. Vim a você porque pensei... — Kimber negou com a cabeça. — Sempre se comportou como um bastardo quando trabalhava para meu pai, sempre se mostrou distante. Mas jamais tinha parecido um mercenário desumano. Agora vejo que estava equivocada.

Luc deu um passo para ela.

— Kimber.

— Quietos! — ela retrocedeu. — Deke acaba de me tratar como se fosse uma qualquer sem valor. E você permitiu.

— Se ofereceu como se fosse — interveio Deke. — O que esperava?

— Vai pro inferno! — deu-lhes as costas, e enfiou o sutiã e a tanga no bolso.

— Já estou lá, gatinha. Estou tão duro que o resto de meu corpo ficou sem sangue. Tem certeza que não quer ficar e me dar uma mão?

«Que descarado!»

— Já que fala de mãos, você tem um par com cinco dedos em cada uma. Pode arrumar isso muito bem sozinho.

Kimber correu para a porta. A portada ressoou na tranqüila tarde do leste do Texas até que ela pôs o carro em marcha e se afastou a toda velocidade.

~*~*~*~*~*~*

— Encontrou-a? — perguntou Luc com a voz carregada de preocupação. Maldito fosse o perfeito sinal do celular. Nos tempos dos telefones analógicos, Deke poderia ter fingido não havê-lo ouvido.

— Sim.

Deke tinha encontrado Kimber, é óbvio. E assim como quando ela tinha dezessete anos, tinha posto um nó no seu estômago que nem o próprio Houdini poderia desfazer.

— Vai pedir perdão por assustá-la e se assegurar de que não vai se meter em confusões. — Recordou-lhe Luc.

Deke não queria fazê-lo. Mas como Luc tinha pontudo racionalmente, assustar Kimber era só uma solução temporária a um problema que não ia desaparecer só porque ele queria. Kimber era muito tenaz para dar-se por vencida. Não ia render-se em sua obsessão por procurar alguém que a ajudasse a conseguir Jesse McCall; alguém que, no melhor dos casos, poderia incomodá-la por não saber que diabos fazer e que no pior, aproveitaria-se dela e lhe faria mal.

O coronel mataria Deke se acontecesse algo a sua filha só porque ele fizera um nó no pênis. O pai de Kimber era de temer. Um autêntico HP. Justo o que ele ia ser. Não acreditava que o homem perdoasse Deke e Luc, quando apresentassem sua garotinha aos prazeres do sexo anal. Mas queria pensar que o coronel preferiria isso, a Kimber escolhendo um desconhecido no balcão de um bar para fazer... preferia não pensar no que ela podia acabar fazendo com outros dois homens. Agarrou-se à débil mesa de madeira que tinha frente e não se soltou até que a ouviu ranger.

Mas não era seu antigo chefe o que o motivava. Era a própria Kimber. Sempre, tinha tido fantasias vividas com ela, masturbou-se pensando nela. Mas a realidade era ainda mais impactante, tinha sido como comparar uma suave brisa com um furacão de força cinco. Kimber era doce e inocente. Era como mel em sua boca. Absolutamente perfeita. Sua pele cálida e suave, tão radiante como um dia do verão...

Deus, só teria que ouvi-lo. Era foddidamente patético. Estava descrevendo à garota como se fora um poeta ou algo pelo estilo. Merda.

Entretanto, havia algo que não podia ignorar. Kimber era uma tentação tão forte que, por muito que odiasse admiti-lo, podia chegar a lhe fazer perder o autocontrole. Deveria afastar-se dela assim que pudesse, antes que o sugasse por completo como uma jibóia. Antes que o destruísse. Mas se Kimber ia entregar se a aquela busca de conhecimentos sexuais, ele não ia permitir que outro homem fora seu mentor.

Amaldiçoando entre dentes, Deke subiu o pescoço da jaqueta e engoliu em seco. Seguiu olhando fixamente.

Nesse momento, Kimber estava na pista de dança do pub de Adam Catrell, 'The Hang Out', arqueando seus doces quadris ao ritmo de uma canção de Shakira que fazia alusão a essa parte da anatomia. Suas coxas ficavam descobertas por uma saia tão curta que deveria ser considerada indecente, além de mostrar uma tira da pálida pele do estômago. Dançava entre Adam e seu irmão, Burke. O clube estava cheio de fumaça e de gente, mas mesmo assim, Deke não podia interpretar mal a luxúria que aparecia na cara de ambos os irmãos.

— Está me ouvindo? — gritou Luc.

Deke agarrou o telefone com força.

— Ontem à noite estragou as coisas, primo. Terá que se fazer de Sir Lancelot e salvar a situação. E também terá que pedir desculpas.

— Me deixe em paz!

Luc suspirou.

— Diga que a ajudaremos. E diga com suavidade. Nada de mencionar que usaremos seu traseiro tão a fundo que não poderá sentar-se em uma semana.

Deke fez uma careta. Tinha-a tratado mal, esperando dissuadi-la dessa idéia tão tola e temerária. Luc sabia, mas admiti-lo ante ele em voz alta só lhe daria mais munição. E já tinha a razão de sua parte...

— Não me pressione.

— Você é o único que pressiona. Que afugentou Kimber quando ela não fizera mais que pedir um favor. E um favor que ambos morremos por satisfazer.

— Merda, sim, admito que a pressionei. É virgem.

— Não é Heather.

Isso tinha sido um golpe baixo. Deke apertou o telefone e amaldiçoou o rumo que tinha tomado aquela conversa.

— Ela não tem nada a ver com isto. O que acontece é que Kimber não é meu tipo.

Luc riu dele.

— Sério? E quem é seu tipo?

Deke fez uma pausa; mal podia recordar o nome de outra mulher desde que havia tornado a ver Kimber.

— Alyssa Devereaux.

— A loira possui o clube de strip tease? A dos seios gigantes?

— Não é uma qualquer — protestou Deke, sabendo por anteriores discussões que era isso o que estava pensando Luc.

— Talvez, mas o certo é que não deseja Alyssa. E que ela não deseja você.

— Porque deseja você.

O motivo pelo qual Deke se zangou com Alyssa da última vez que a tinha visto, fazia uns meses.

— Pois eu não estou interessado. Além disso, diz que a deseja só porque pensa que ela é segura.

— Eu a desejo porque me deixa quente, e ouvi dizer que faz umas mamadas de morte.

Luc bufou.

— E por que então, enquanto se masturbava ontem à noite, gemia o nome de Kimber? Ouvi através da parede.

Deke sentiu que se ruborizava.

— Pois compra uns fofinhos tampões para os ouvidos. Sim, Kimber me deixou quente, e o que? É virgem. E já te digo que isso não é precisamente muito alentador.

— Já estive com uma virgem antes e foi uma bonita experiência, embora ache o contrário. Heather foi...

— Nem te ocorra mencioná-la.

— Não! Você espantou Kimber com aquelas palavras desagradáveis, e foi por causa Heather. Deke, não foi o responsável por...

— Todos sabem que fui. Tenho que viver com isso cada fodido segundo de minha vida. Deixe estar assim, ok? — grunhiu.

— Acredito que está equivocado — suspirou Luc. — Mas deixarei o tema se me promete que falará com Kimber, que se desculpará. Diga que a ajudaremos.

Deke tomou outro comprido gole de cerveja e olhou fixamente como Burke Catrell agarrava os quadris de Kimber e lhe apertava o traseiro contra seu membro. Ao que parecia, aquele bastardo procurava que alguém rompesse seu nariz. Deke estaria encantado de fazê-lo se não tirasse suas sujas mãos dela. Sentiu que começava a lhe ferver o sangue, e a fúria, que já aparecia em seus olhos, ameaçava nublar sua mente.

— Kimber parece estar já muito ocupada — grunhiu Deke ao telefone.

— Mas te procurou antes.

Sim, assim tinha sido. Condenado fosse Luc e sua lógica. E Kimber, ele acreditava,

estava representando esse espetáculo só para ele, dado a maneira em que lançava olhares de esguelha em sua direção.

— Deixa de lado seu mau humor — disse Luc — e faz o correto.

— Sabe que se a levar para casa vou terminar por fodê-la. Nós dois o faremos — suspirou. — Sabe disso.

Deke queria afundar-se no corpo de Kimber. Não. Nem pensar. Não só em seu traseiro, embora isso também gostasse. Não só em sua boca, embora estivesse seguro que uma mamada da provocadora boca de Kimber seria incrível. Desejava-a por completo, e não acreditava que permanecer afastado de seu sexo fosse uma opção.

— Respeitaremos o que ela deseja. Se mudar de idéia, genial. Se não, superaremos. Vá e se desculpe.

De algum jeito, seu primo tinha razão. Eram verdades como punhos. Mas correria um risco, se promettesse instruir Kimber no sexo. Se ela voltasse para casa com ele, Deke queria afundar-se em seu sexo. Reduziria-o ao mesmo estado de sempre e lhe arrebataria o controle. Aquilo o aterrava. E se o passado voltasse a se repetir? Não era Heather, certo, mas parecia muito.

E apesar disso, ele não podia manter-se afastado.

Negando-se a dar mais voltas no assunto, Deke levou a cerveja aos lábios e a bebeu um gole. Logo depositou a garrafa sobre a mesa.

— Certo, já vou.

— Traga-a para casa.

Para casa. Como se ela morasse lá. Como se fosse uma gatinha perdida a que pudessem reclamar. Luc certamente a via dessa maneira. Seu primo já estava ouvindo badaladas de bodas e bebês chorões, já se imaginava uma casinha com uma cerca branca onde eles dois e a garota de seus sonhos viveriam felizes para sempre. Deke bufou.

Bom, tinha chegado o momento. Empurrou a cadeira para trás, ficou em pé e olhou como Kimber dançava uma rumba pornográfica com os irmãos Catrell. Com o cenho franzido e vontade de brigar, atravessou a boate.

Capítulo 3

Na pista de baile, o maior dos Catrell a agarrou de novo. Kimber se voltou, girou meneando os quadris, enquanto se afastava um pouco. Esqueceu-se do nome desse irmão. Oh, era bonito. Condenadamente bonito, de fato. Olhos azuis, cabelo castanho, corpo arrebatador. Talvez em outra época se sentisse atraída por ele, mas agora seu objetivo era aprender a agradar Jesse e viver feliz com ele. Tinha que averiguar se podia suportar ser compartilhada.

Mas outro homem, um com corte de cabelo ao militar, olhos famintos e umas pernadas furiosas, tinha atraído sua atenção de uma maneira escura e fascinante, assim como o fizera cinco anos atrás.

«Oh, Oh». Deke definitivamente se dirigia para eles. Que demônios queria agora? No

dia anterior em sua casa, esforçou-se muito em humilhá-la. Por acaso queria voltar a fazê-lo?

De repente, Adam Catrell a rodeou com um braço e a atraiu contra seu corpo, inclinando a cabeça para ela. O primeiro impulso de Kimber foi deixar-se levar pelo pânico. Teria intenção de beijá-la no meio da pista? Não o conhecia. E como tinha descoberto nos trinta segundos que levavam dançando, não queria conhecê-lo. Em especial com todo mundo — incluindo Deke — olhando-os.

— Conhece Deke? — gritou o homem ao ouvido, para fazer-se ouvir por cima da música.

— N-não.

Não conseguia esquecer a noite anterior na cozinha de Deke, quando Luc e ele a tinham beijado... tinha que esquecê-lo. Ou pelo menos, tentar. Só Deus sabia que tinha fracassado até o momento.

De algum jeito, era culpa dela. Olhando em retrospectiva, dava-se conta de que os militares não eram conhecidos por sua eloquência, mas sim pela força bruta. Deke tinha tentado negar-se a sua petição. Como ela tinha seguido pressionando-o, ele deixara de lado as palavras e passara à ação, afugentando-a intencionalmente com suas palavras cruéis.

E vá se tinha resultado.

Agora, ela tinha agravado o erro ao apresentar-se ali e supor que, se estar com Deke e com Luc a tinha excitado de uma maneira educativa, então estar com Adam e Brian-Brad-Brock — ou como quer que se chamasse — seria igualmente agradável.

Mas não tinha sido assim. Quase desde começo da música quisera partir. Mas fugir como uma covarde, com Deke observando-a, não era uma opção. Com aqueles pensamentos dando voltas em sua cabeça como uma bailarina, Kimber tentou decidir seu movimento seguinte.

Nesse momento, Deke se levantara da cadeira, e agora se dirigia para eles com a clara intenção de tomar a decisão por ela.

Arriscou-se a olhar em sua direção. Deus, estava ainda mais perto. O suficiente para que ela pudesse perceber o tic do músculo de sua mandíbula, enquanto cravava o olhar na mão de Adam, agora na parte baixa de suas costas, quase sobre as nádegas.

— Está certa que não está atada com Deke? Parece que ele não vê dessa maneira. — Adam levantou a cabeça, embora não movesse a mão, e se voltou para saudar seu amigo. — Olá, Trenton. O que te traz ao 'The Hang Out', velho amigo?

— Um assunto pendente com Kimber. — Centrou nela esse penetrante olhar azul que tanto a desconcertava. — Podemos conversar lá fora?

Embora parecesse uma petição, seu olhar sugeria justamente o contrário.

Kimber engoliu em seco. Deke levava jeans rodeados, botas negras, camiseta bege com a palavra 'Army' estampada sobre seu musculoso peitoral esquerdo, e um olhar exigente. Parecia um homem com uma missão pessoal, e tudo em sua atitude o proclamava. Não saudou seu amigo, nem respondeu a sua pergunta. Tampouco tinha saudado ela. Nada de boas maneiras, ia direto ao ponto.

Tinha ficado algo por acrescentar ontem na cozinha? Em poucas palavras, ele a tinha incomodado e ela tinha saído correndo como alma que leva o diabo, como ele tinha afirmado

que faria. Mas nada em sua expressão falava de uma desculpa, e ela não podia imaginar que outra coisa podia querer, que não fosse humilhá-la mais. «Não, obrigado».

— Acredito que ontem deixou as coisas bem claras. Não temos nada mais que nos dizer.

— É claro que temos.

— Estou ocupada dançando. — Sem mais, voltou-se para o irmão de Adam, Brett? Buck? Era algo assim.

Dirigiu ao loiro proprietário do clube um sorriso e meneou os quadris, muito consciente do olhar penetrante de Deke cravado em suas costas.

Assim que o irmão sem nome se voltou para ela, a canção finalizou. O DJ anunciou que ia fazer uma pausa.

Deke a agarrou pela mão e a girou para ele, arqueando uma sobrancelha dourada.

— Agora já não está dançando.

«Maldição!». Kimber cruzou os braços.

— Então, diga o que seja que tenha que dizer.

— Lá fora.

O tom autoritário lhe arrepiou os cabelos.

— Vai levar muito tempo?

— Não.

— Então, diga e vá embora.

Ele vacilou.

— Não acredito que queira ter público.

Ou não ele não queria tê-lo. Por razões que ela não podia compreender, ele não queria os irmãos Catrell, que agora os olhavam fixamente, ouvissem o que estava a ponto de dizer. Se fosse falar mais do que havia dito fazia só vinte e quatro horas, podia economizar o discurso. Mas talvez não fosse isso. Deke carecia de maneiras sociais. Ter a oportunidade de deixá-lo agir e ver como se enforcava a si mesmo a fez sorrir.

— Não me importa. Dispara.

— De acordo — encolheu os ombros. — Ontem, quando Luc e eu te despimos sobre a bancada da cozinha e começamos a passar a língua por seu corpo, você...

— Pare! — Ela soltou um grito afogado, sentindo-se furiosa quando o rubor alagou suas bochechas.

O irmão de quem não podia recordar o nome, riu entre dentes junto a seu ouvido.

Deke sorriu com ar satisfeito. «Bastardo!». Tinha ido jogar sujo e se lançara direto na jugular. Como não imaginara que ele faria isso?

— Está enrolada com Luc e com você? — perguntou Adam a Deke.

— Sim.

— Demônios, não! — exclamou ela ao mesmo tempo.

Isso fez com que o músculo da mandíbula de Deke começasse a palpitar de novo.

— Melhor discutimos isso lá fora.

Esse homem não sabia quando desistir?

— Não estou enrolada nem com você, nem com seu primo. Não penso em me aproximar de novo da sua cozinha, e te asseguro que não vou sair com você.

— Vim para dizer algo que acredito que você gostará de ouvir.

— Não estou interessada em ser outro cilindro para você, e estou tão puta da vida que me importa um nada o que tenha para me dizer.

Em um segundo, Deke estava a seu lado, sem tocá-la. Um segundo mais, e rodeou sua cintura com um braço, com o outro agarrou seu cabelo que caía pelas costas e a pôs nas pontas dos pés.

— Não vou pedir isso outra vez. Ou falamos lá fora, ou vou me dirigir à cadeira mais próxima, vou levantar essa minissaia e a te esquentar o traseiro enquanto toda esta gente nos assiste.

Kimber puxou fôlego para dizer:

— Não te atreveria. — Mas sabia que o faria.

A irritação lhe envenenou os pensamentos. Ele era um arrogante filho de uma cadela, mas mesmo enquanto pensava isso sentiu um comichão no estômago... Não, não podia ser desejo.

— Não tem nenhum direito.

Deke encolheu os ombros.

— Mas estou seguro de que você desfrutaria.

Adam se aproximou deles.

— Embora eu adorasse ver o espetáculo, não permito brigas nem nus no clube. Terão que sair.

Kimber se voltou para ele com a boca aberta. Acaso aquele imbecil estava deixando-a a mercê desse lobo? Como não! Os homens sempre se apoiavam os uns aos outros.

— Sabem o que mais? Que se fodam todos. Vou para casa.

Os irmãos Catrell riram. Com o sangue fervendo de fúria, dirigiu-se à saída.

«São uns completos sacanas!» Mas apesar disso, não era tão estúpida para acreditar que Deke deixaria as coisas como estavam. Seguia-a; sentia-o dois passos atrás. Condenado homem.

Quando alcançou a porta do clube, a música começou a soar de novo. Kimber se dirigiu ao gorila maior dos três que estavam na porta, e brindou-o um sorriso.

— Poderia me acompanhar ao carro? Estão me seguindo. — Lançou um olhar agudo por cima do ombro em direção Deke.

— Venha, carinho — murmurou Deke brandamente enquanto a rodeava com um braço. — Não se zangue.

Antes que pudesse lhe dizer onde podia meter palavras e dizer ao gorila que se livrasse daquele perseguidor louco, Deke a atraiu para si, baixou a cabeça, e afogou suas furiosas palavras com um beijo arrebatador.

Ela lutou, mas só um momento, logo deixou de pensar.

Aquele homem ardente, persuasivo e viciante como o pecado invadiu seus sentidos. Dobrou-a com a boca. Kimber resistiu. Ou pelo menos, tentou. Apesar da fúria que a embargava, Deke provocou a familiar aceleração de seu pulso, a onda de desejo, e afogou seus protestos. Com um roçar de seus lábios, uma lenta carícia de sua língua enquanto deslizava a palma de sua mão pelas costas, inundou-a no desejo, e não só a ela. O desejo de

Deke era tão tangível que Kimber pôde saboreá-lo com a língua.

O beijo a derreteu pela contida urgência de sua necessidade, suavizada por um enredo de lábios, fôlegos e línguas, do qual nunca tinha imaginado capaz Deke Trenton. Kimber, atordoada e irracional, deixou-se levar com o coração a mil por hora, perdendo-se na calidez daquele beijo.

Até que ele mordiscou seu lábio inferior e o lambeu, para logo voltar a pousar sua boca sobre a dela uma vez mais. Sem pensar, Kimber se inclinou para ele, procurando mais beijos, mais contato, mais dele.

Deke a agarrou pelos ombros.

— Sinto o que aconteceu ontem. Venha para casa comigo, gatinha.

— Que desfrutem da noite — disse o gorila com um sorriso brincalhão.

Enquanto ela tentava procurar uma resposta, Deke a puxou pela mão e a conduziu para fora, à úmida noite do verão.

Um carro entrou no estacionamento com os faróis iluminando a estrada de terra, e se dirigiu ao extremo mais afastado. Em alguma parte ali perto, coaxava um casal de rãs. Os grilos cantavam e os mosquitos zumbiam nas luzes que junto com a lua chapeada iluminavam a superfície que se estendia ante eles.

Agora que a boca persuasiva de Deke não nublava seu pensamento, Kimber fechou os olhos ante sua estupidez. Maldita seja, não tinha tido intenção de responder a Deke quando a beijou e acariciou. Fazia uma boa imitação de uma cadela no cio.

Bom, de qualquer maneira ela queria ir embora. E já estava fora.

Procurou no bolso da saia a chave do carro.

— Certo, não vou ficar com os irmãos Catrell. Já consegui o que queria. Satisfeito?

Um sorriso ladino curvou a boca de Deke. Antes que pudesse perguntar-se o que estaria tramando, Deke alargou a mão e arrebatou suas chaves, que desapareceram no bolso de seu jeans. A única maneira de recuperá-las era deslizando a mão dentro das calças dele. «Genial». Considerando a ereção que avultava sua braguilha, não acreditava que ele se opusesse a que lhe colocasse a mão no bolso... ou em qualquer outra parte por ali abaixo.

— Não, ainda não — disse ele, aplaudindo as chaves através do jeans. — Não irá a nenhum lado até que terminemos de conversar.

Kimber soltou um suspiro de frustração.

— Olhe, arrogante filho da...

— Espere. Antes que inicie uma lista de insultos, vim para te oferecer minha ajuda. Se ainda a quiser.

Ela se interrompeu. Estava ouvindo o que ela acreditava que estava ouvindo?

— Veio me dizer que me ensinará o que quero saber sobre sexo? Luc e você?

Ele fez uma pausa, não parecia muito contente.

— Sim.

Alívio e irritação lutaram por dominar sua reação. Ao final, ganhou o alívio, já que não ia conseguir Jesse sem instrução. E depois de ter visto os irmãos Catrell que, apesar de dispostos que tinham parecido, não eram o que ela procurava.

Mas não ia permitir que Deke soubesse.

— Talvez seja muito tarde.

— Não parecia cômoda com Adam e Burke.

Por mais incômoda que se sentira com eles, tomou nota mental do nome do irmão mais velho.

— E quem se importa? A mim não, desde que tentou me afugentar ontem.

Deke riu entre dentes.

— E tenho que acreditar nisso

— Teria que ser imbecil para não fazê-lo. E jamais me pareceu isso quando trabalhava para meu pai.

— Não.

Kimber soltou um bufido.

— Jamais teria pensado em mim em um contexto sexual se não tivesse batido à sua porta.

Ele deixou de rir.

— Se pensa isso, é que é uma ingênua.

Estava falando o que? Kimber franziu o cenho. O enorme agente das forças especiais, convertido agora em guarda-costas, não podia ter pensado sexualmente nela antes de encontrá-la com Luc na cozinha.

— Oh, vamos — zombou ela. — Até ontem nem sequer teria imaginado fazer nada comigo. Quantos anos eu tinha? Dezoito? Dezenove?

— Dezesete. — Deke torceu a boca em um sombrio sorriso. — Dezesete e meio. E tudo o que me passava pela cabeça nesse momento era ilegal, Kimber. Meus pensamentos não mudaram. Mas agora não irei preso se os tornar realidade.

Deke parecia falar a sério enquanto a encarava com esses penetrantes olhos azuis.

— Durante todo esse tempo desejava...

— Te foder? Oh sim, isso e qualquer outra coisa que me tivesse deixado fazer. Desejava-te. Ponto.

Kimber tomou fôlego, estupefata. «Oh, Meu Deus»...

Cravou um longo olhar na patente ereção que parecia a ponto de arrebentar o zíper.

— E ainda me deseja?

— Acaso não acabo isso de dizer?

Ela se umedeceu o lábio inferior. Quando o ardente olhar de Deke se cravou nesse gesto, Kimber sentiu que se contraíram os mamilos. Em sua mente apareceu uma imagem: Deke recostado sobre ela, penetrando-a com dura insistência. Kimber tinha se tocado na noite anterior, com seus próprios dedos, ante essa imagem mental. Sentiu que esquentavam as bochechas. Não tinha sentido, excitava-se com um homem que não seria mais que um mentor para ela. Talvez fosse devido a uma loucura temporária, ao estresse depois de um frenético curso escolar ou a uma persistente curiosidade juvenil. Já lhe passaria.

Mas, de repente, algumas coisas fizeram sentido.

— Então era por isso mal me falava quando trabalhava com meu pai.

— Sim.

— E a razão de que tenha mudado de idéia sobre meu... favor.

— Em parte. Luc também teve algo a ver. Quase me arrancou a pele a tiras com sua língua viperina.

— Não queria que me falasse dessa maneira?

Deke assentiu com a cabeça.

— Porque te deseja tanto como eu.

— E você tentou me afugentar porque pensa que não estou em meu juízo.

Deke assentiu com a cabeça.

— Ainda o penso. Mas como Luc me recordou, já é adulta.

— Passei algum tempo pensando nisso. Tomei uma decisão. Já não estou na escola. Não sou menor de idade, e não sou idiota.

— Não acredito que entenda a realidade do que está se colocando, mas é sua vida.

Kimber mordiscou o lábio inferior, suspeitando que ele tivesse razão. Compreendia — de uma maneira abstrata — o que significava participar de uma *ménage à trois*. Essa mesma manhã tinha lido um livro erótico e se sentira excitada pela história de uma mulher amada por dois homens totalmente dedicados a lhe dar prazer. Que mulher com sangue nas veias não se excitaria?

Mas, apesar do que Deke havia dito que não havia sentimentos implicados em um *ménage*, Kimber não acreditava. Embora não tivesse sentido, ela já se sentia atraída por Deke. Provavelmente porque sempre tinha sentido curiosidade por ele. Tempo atrás, ele a tinha repellido tanto como a tinha atraído. Mas quem de verdade a atraía agora era Jesse. Tinha sentido falta dele depois de uma larga ausência de quase quatro anos. Embora ambos os homens não se parecessem, o mais provável era que estivesse utilizando Deke como substituto, de maneira inconsciente. Isso, e o fato de que Deke havia feito mais por ela sexualmente em quinze minutos que Jesse em todos esses anos. Kimber suspirou.

— Não acredito que Jesse McCall seja o homem adequado para você.

Era normal que Deke pensasse isso. Para o Dom Prático, ali presente, ela era uma *groupie* perseguindo uma estrela, uma adolescente que fantasiava bobamente com o «viveram felizes para sempre». Era difícil para ele compreender sua relação com Jesse, que desenvolvera e evoluído nos últimos anos mediante e-mails e chamadas telefônicas.

Kimber encolheu os ombros, tentando não parecer chateada.

— Tem direito a pensar o que quiser. Mas como bem disse, é minha vida.

— Sim é, e se quer aprender tudo o que terá que saber sobre ser compartilhada por dois homens, este é o trato — continuou ele. — Retornará para casa comigo. Ficará conosco duas semanas. E lhe ensinaremos tudo o que precisa saber.

Sentiu-se aliviada. Tinha ganhado. Embora estivesse tentada a dizer não a Deke, o orgulho não resolveria seu problema com Jesse. Este tinha insistido que ela não podia ser o que ele necessitava, que era muito inocente para seu estilo de vida. Iria demonstrar-lhe que estava equivocado, aprendendo todo o necessário. Era a única maneira de ter um futuro com o homem que adorava.

Apesar da maneira abominável que Deke agira no dia anterior, Kimber sabia que era um homem de palavra. Ensinaria todo o necessário.

Mesmo assim, tinha que fazer algumas pergunta mais.

— Viverei com vocês duas semanas?

Deke assentiu com a cabeça.

— Uma das coisas mais difíceis de levar a cabo em um ménage é satisfazer a dois homens excitados. O sexo com dois homens ao mesmo tempo não é fácil. Alguns homens também têm exigências individuais, que quererão que você satisfaça. Para alguns, o sexo matutino. Outros preferirão a meia-noite, ou qualquer outra hora do dia. Terá que aprender a lidar com gostos distintos.

Sua explicação tinha sentido. Dois homens dariam, definitivamente, mais trabalho que um. A única complicação que via era manter relações sexuais várias vezes ao dia quando nunca tivera tido, mas assim era como vivia Jesse.

— Deixe-me adivinhar: Luc é o homem da meia-noite. E seu momento favorito para fazer sexo é pela manhã.

Deke negou com a cabeça.

— Luc gosta mais fazê-lo pela manhã. Para mim, vale cada vez que Luc esteja de humor se você estiver disposta. Não a tomarei a sós. Nunca.

Igual a antes, ele falava completamente a sério. Não faria o amor com ela se Luc não participava. Por que razão?

Seu rosto não dizia nada; sua expressão estava vazia, quase dolorosamente em branco.

Estava ocultando algo? Tratando-se de Deke, quem podia sabê-lo?

— Então, se eu disser que sim, você quererá...?

A luxúria cintilou em seus olhos azuis.

— Se Luc estiver disposto e você também, lá estarei.

A insinuação em suas palavras criou uma cálida corrente que se estendeu deliciosamente pelo corpo de Kimber, até que se assentou dolorosa e perigosamente entre suas pernas.

— Não sou só outro cilindro mais?

Ele fez uma careta.

— Não.

— Hum, está bem... Acabo de terminar o curso de enfermagem, assim estou livre. Tenho que estudar para os exames, mas isso eu posso fazê-lo em qualquer parte. Terei que ir procurar algumas roupas e deixar uma nota a meu pai de que vou visitar uma amiga. De qualquer maneira, agora está de viagem. Poderia retornar amanhã e...

— Um momento. Há uma regra.

Uma regra? Havia regras nos ménages?

— Qual?

— Não os faço com virgens, assim não foderei você de maneira convencional.

Kimber ficou tensa. Não gostava dessa linguagem vulgar, mas estava acostumada a ele. O que mais a incomodava era seu tom, como se ser virgem a convertesse em uma forma de vida inferior.

— Acredito que isso já foi esclarecido. Já disse que quero reservar minha virgindade para Jesse. Assim, isso não será um problema.

— Quero que se lembre disso quando as coisas ficarem quentes. — Segurou seu rosto

entre as mãos e a aproximou mais de seu corpo. O intenso resplendor de seus olhos disse a Kimber o muito que desejava beijá-la. — E esquentarão, Kimber.

Um calafrio ardente a atravessou.

— Nem esquecerei, nem mudarei de opinião.

— Não cederei quando me implorar.

Kimber se soltou de seu agarre.

— Quando te implorar?

«Oh, Deus, alguém tem muita fé em suas proezas».

O sombrio sorriso de Deke a pôs dos nervos.

— É um dos prazeres de ser compartilhada por dois homens. Podemos conseguir que suplique por algo. Mas como já concordamos aqui e agora que não será sexo convencional, não haverá nenhum risco.

Então, que tipo de sexo seria? Oral? Anal? Tampouco tinha experiência nessas facetas. Em duas semanas, teria se convertido em uma perita em ambos os casos. Esse pensamento a fez tomar fôlego ao sentir um perigoso arrebatamento de desejo.

— Riscos do que? De gravidez?

Deke apertou os lábios.

— Disso, e de nos enrolar. Que seja virgem é uma responsabilidade. Um homem não deveria foder a uma virgem, a não ser que tenha intenção de reclamá-la e conservá-la para si. E eu não estou disposto a reclamar a nenhuma mulher... nesse sentido.

Assombroso. Antiquado e liberal ao mesmo tempo.

— De algum jeito, não posso dizer que me surpreenda — comentou ela, notando o sarcasmo em sua voz.

Deke só cruzou os braços e a encarou fixamente, com uma expressão insondável e a mandíbula tensa, uma linguagem corporal inequívoca. Seus lábios apertados em uma linha sombria e esses olhos em um tom azul escuro pareciam inexpressivos e despreocupados... à primeira vista.

Kimber o olhou de novo.

Desolado. Isso é o que parecia. O que denotava a rigidez de sua postura combinada com algum tipo de desejo que ela percebia enquanto o olhava.

Deke piscou, trocando o peso de perna, e retrocedeu um passo. Fora o que fosse o que Kimber tinha visto em seus olhos, tinha desaparecido.

Kimber franziu o cenho. Senhor, devia estar louca, Não era possível ter visto isso em seu olhar. Deke era o último homem a quem atribuir uma emoção humana. Mas aquele olhar... o mais provável era que tivesse confundido sua desolação com a moléstia de ter que esperar ao dia seguinte para aliviar sua excitação de qualquer maneira que não fora sexo convencional. O tema de que era virgem e de reclamá-la não o incomodava de verdade. De fato, duvidava muito que o fizesse. O mais provável é que ele não tivesse pensado apenas nos riscos do sexo convencional, como não fora para dizer que «não virgens» se correspondia melhor a «nenhum tipo de compromisso».

— Devo dizer Luc que retornará a tempo para o jantar? — Deke voltava a mostrar uma expressão neutra, e, desta vez, Kimber não procurou sob a superfície. Duvidava que Deke

fosse o suficientemente sensível para ter seus próprios demônios pessoais, mas se os tivesse, ela não queria conhecê-los.

— Ele vai cozinhar? Pois lá estarei.

Deke não sorriu. De fato, parecia tão alegre como um homem condenado a morte.

— Estaremos te esperando.

~*~*~*~*~*~*

Deke estava tomando uma cerveja na cozinha quando Luc abriu a porta principal e Kimber apareceu do outro lado. Parecia tão condenadamente inocente com uma blusa branca de renda e uma coquete saia de flores, que ele chiou os dentes.

Tê-la ali não augurava nada bom. «Maldição».

O indício de picardia nos olhos de Kimber não foi o que o pôs duro; estava assim fazia vinte minutos, quando estivera pensando nela. Mas o desejo que fazia brilhar as bochechas femininas enviou uma nova onda de sangue a seu membro quando Luc a convidou a entrar. Ela aceitou com um sorriso e entrou no vestíbulo com suas sandálias de tiras.

Durante toda a tarde, seu primo se comportou como um cachorrinho ofegante ante a promessa de um novo brinquedo. Tinha adulado Wiletta, sua velha criada, que se encarregava de limpar a casa. Luc também passara as últimas quatro horas preparando para Kimber um delicioso prato de frango, cujo nome Deke não sabia pronunciar; além disso, a sobremesa, um complicado bolo de chocolate e morangos. Deke negou com a cabeça. Luc tinha comprado quatro caixas de morangos e tinha escolhido os melhores para a confecção do bolo.

Mas Deke duvidava que conseguissem chegar à sobremesa.

Não precisava perguntar a Luc o porquê de todo esse esforço. Seu primo queria acreditar que, finalmente, tinham encontrado à mulher que poderia complementá-los, a mulher que podia querer o que nenhuma outra mulher quereria estando em seu são julgamento: desfrutar de uma relação a três, com um militar retirado e um chef temperamental. Ao que parecia, Luc tinha se esquecido das milhares de vezes em que Deke tinha insistido que não queria uma relação permanente.

Mesmo assim, seu primo seguia insistindo que Kimber seria deles, quem sabia o por que. Deke falara repetidamente que seus membros não penetrariam o doce sexo de Kimber. Que ela estaria ali só para familiarizar-se com os ménages e para preparar-se para agradar a outro homem.

Nada disso tinha importado. Luc seguia convencido de que Kimber poderia ser «a única». Doce e curiosa. Suave e com um grande coração. Segundo Luc, Kimber era perfeita para viver com dois homens tão complicados como eles.

Deke bufou. Sim, com certeza aquilo terminaria como o final feliz dos contos de fadas. Pois não seria assim, e Luc teria que descobri-lo por si só. Deke estava cansado de assinalar o evidente.

Mesmo assim, tinha que admitir que havia algo em Kimber que o punha a cem.

Fazendo uma careta ante a ereção que esticava a braguilha das calças que Luc tinha

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Wicked Lovers 02 Fantasia Proibida" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).